SINERGIA

REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS (ICEAC)

DESAFIOS DO SETOR LÁCTEO E COOPERATIVISMO: UM OLHAR SOBRE EXPERIÊNCIAS NO VALE DO TAQUARI (RS)[1]

JANAÍNA FÜHR[*]
HOYÊDO NUNES LINS[**]

RESUMO

As estruturas cooperativas sobressaem no debate sobre o desenvolvimento rural, sobretudo, na análise das possibilidades dos territórios perante processos estruturais. O gaúcho Vale do Taquari destaca-se no setor lácteo, cujas mudanças recentes ampliaram as exigências em qualidade e produtividade, repercutindo na produção primária. Este estudo aborda essa realidade regional examinando o papel do cooperativismo. Sua base é pesquisa de campo, realizada entre 2018 e 2019, junto a produtores de leite, unidades de processamento que incluem duas cooperativas e instituições diversas. O objetivo é analisar o modo como as cooperativas operam para promover as condições dos produtores primários em face das maiores imposições financeiras e tecnológicas, especialmente. O estudo mostra que o abandono da atividade primária, sobretudo, por produtores idosos e carentes de recursos financeiros e mão de obra, enfrentando problemas de sucessão nas propriedades, marca presença na área, e que as cooperativas, indicadas como muito importantes para o setor lácteo, atuam concretamente sobre as adversidades. Falar em cooperativas, no setor lácteo regional, significa referir a um tipo de estrutura em que a esfera da produção primária deposita confiança, percebendo possibilidades quanto à reprodução econômica nas propriedades. Contudo, as próprias cooperativas não são refratárias às maiores exigências do setor lácteo.

Palavras-chave: Setor lácteo; Vale do Taquari (RS); Cooperativas; Relações entre produtores de leite e processadores

ABSTRACT

The debate on rural development usually pays attention to the role of cooperatives, as when the possibilities of the territories in face of structural processes are considered. The Vale do Taquari (RS) stands out in the dairy sector, whose structural changes resulted in more demands on quality and productivity upon primary producers. This study looks at this region focusing on the role of cooperatives in the functioning of that sector. Based on field research carried out between 2018 and 2019 with milk producers, processing units that include two cooperatives and different institutions, the article considers how the cooperatives operate to promote the conditions of primary producers under greater financial and technological impositions. Problems of abandonment of activities, especially by elderly producers who lack financial resources and labor and face problems of succession, were observed, and the cooperatives, indicated as very important for the sector, have acted concretely to deal with them. Speaking of cooperatives in that dairy sector means referring to structures that have deserved confidence of primary producers, as their possibilities of economic reproduction are more than suggested by the operations of the former. However, the cooperatives themselves are not immune to the greater demands of this sector.

Keywords: Dairy sector; Vale do Taquari; Co-operatives; Interactions between milk producers and processors

Recebido em: 08-05-2021 Aceito em: 10-11-2021

1 INTRODUÇÃO

A atuação das cooperativas tem destaque na literatura interessada em descrever e analisar problemas vivenciados em realidades socioeconômicas de natureza principalmente rural, e em discutir as possibilidades de desenvolvimento local. Os desafios relacionados às imposições de índole financeira e tecnológica, por exemplo, sobre estruturas produtivas territoriais plasmadas no curso da história e deparadas com exigências cujo atendimento não é trivial, fazem crescer o interesse na pesquisa sobre a capacidade de adaptação ou reação nessa esfera, salientando articulações nas quais as cooperativas frequentemente sobressaem.

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)
[*] Doutora em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/CEAVI). E-mail: janaina.fuhr@yahoo.com.br
[**] Doutor em Geografia e Organização do Espaço pela Université de Tours, na França. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento Regional pela University College of Swansea, na Grã Bretanha. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esse realce não é fortuito, pois, em numerosas experiências, a presença e atuação de cooperativas representa aspecto dos mais destacados. É assim no gaúcho Vale do Taquari, onde a praticada agricultura familiar, de perfil indissociável da trajetória da colonização da área, ocorre em meio a uma destacada presença de cooperativas. A incidência desse tipo de estrutura é particularmente notada no tocante ao setor lácteo que desponta entre as características produtivas e sociais daquela área.

O presente estudo ocupa-se do cooperativismo de leite no Vale do Taquari. Elaborado com base em pesquisa de campo realizada entre 2018 e 2019, seu objetivo é descrever e analisar o modo como as cooperativas envolvidas têm operado com vistas a propiciar melhores condições de reprodução aos produtores primários, em face de desafios representados por imposições que refletem o funcionamento do setor lácteo em escalas mais amplas. O recorte geográfico, para fins de levantamento de dados secundários, refere-se ao Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Vale do Taquari, área pertencente à unidade federativa que, assinale-se, apresentou a 3ª maior produção e a 2ª maior produtividade em leite no ano de 2019 entre todos os estados brasileiros (IBGE, s.d).

A análise do referido cooperativismo é norteada por indagação geral sobre os tipos e resultados das relações estabelecidas localmente entre a esfera do processamento, em que se destaca a atuação das cooperativas, e aquela dos produtores de leite. A realidade láctea desse COREDE outorga sentido a um estudo assim concebido: em 2019, representava a 2º maior produção e a 7º maior produtividade (de 3.879 litros/vaca/ano, superior à média estadual) entre os COREDES gaúchos.

O artigo possui três seções, além desta introdução e das considerações finais. A seção 2 contém, a título de contextualização analítica, uma breve revisão de literatura sobre a temática do desenvolvimento rural, destacando o papel do cooperativismo, e sobre a presença de cooperativas no setor lácteo em diferentes países, inclusive, no Brasil. Na seção 3, discorre-se sobre os procedimentos da pesquisa de campo que envolveu levantamento direto de dados e informações, principalmente, por meio de entrevistas. Na seção 4, apresentam-se e discutem-se os resultados da pesquisa de campo, desdobrando-os entre as percepções gerais dos atores da cadeia láctea sobre a atuação das cooperativas e a atuação destas relativamente a problemas vivenciados pelos produtores primários no âmbito das propriedades, especificamente, o da sucessão e do abandono da atividade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Sistematizam-se, nesta seção, aspectos de enquadramento teórico do estudo falando sobre desenvolvimento territorial rural, com ênfase no papel do cooperativismo e de contextualização da abordagem, assinalando a presença de estruturas cooperativas no setor lácteo em diferentes países.

2.1 Uma nota sobre o desenvolvimento territorial rural e o papel do cooperativismo

As últimas décadas testemunharam importantes mudanças no modo de apreender e analisar o meio rural, destacando-se a percepção de que não cabe restringi-lo à presença de atividades somente agrícolas. Isso reflete a reconfiguração ocorrida nesse meio, com a emergência de uma nova ruralidade envolvendo processos como reurbanização e descentralização industrial. Segundo Silva (1997), entre outros autores, o rural tornou-se crescentemente referido, também, por conta de atributos que incluem preservação ambiental, gastronomia, folclore e turismo rural, além da paisagem.

A trajetória do debate sobre o desenvolvimento rural no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990, também reflete a incidência de fatores entre os quais se perfilam a crescente legitimação social e política da agricultura familiar e da reforma agrária, a importância da sustentabilidade e a própria reorientação das políticas públicas (SCHNEIDER, 2008). Observando esse percurso, Schneider (2008) enxerga contraste com as discussões dos anos 1970, que enfatizavam as medidas compensatórias e a influência das ações governamentais, principalmente, em concessão de crédito à agricultura familiar. Mas também houve mudanças representativas de maior polarização entre o agronegócio e outras formas de produção, tendo, a rigor, o rumo do debate sobre desenvolvimento rural representado uma espécie de contraponto à própria ideia de agronegócio conforme tradicionalmente manifestada.

Nesse processo, ganhou envergadura o entendimento de que "[...] o desenvolvimento rural pode ser visto como uma combinação de forças internas e externas à região, em que os atores das regiões rurais estão envolvidos simultaneamente em um complexo de redes locais e redes externas que podem variar significativamente entre regiões" (KAGEYAMA, 2004, p. 383-384). Fortaleceu-se a perspectiva do chamado "desenvolvimento territorial rural", que dirige seu foco, por exemplo, à mobilização de agentes portadores do sentimento coletivo de pertencer a um território, buscando se adaptar aos condicionantes externos (PECQUEUR, 2005). Nas suas ações e condutas, tais agentes se articulam para obter ganhos que lhes beneficiem individual e coletivamente, de modo que, como assinala Pecqueur (2009), o desenvolvimento revela-se uma construção social, não raramente estribada em políticas públicas de mobilização dos agentes. De uma maneira geral,

> [...] o desenvolvimento rural é um processo que resulta das ações articuladas que visam induzir mudanças socioeconômicas e ambientais no âmbito do espaço rural para melhorar a renda, a qualidade de vida e o bem-estar das populações rurais. O desenvolvimento rural refere-se a um processo evolutivo, interativo e hierárquico quanto aos seus resultados, manifestando-se nos termos dessa complexidade e diversidade no plano territorial (SCHNEIDER, 2004, p. 98-99).

A agricultura familiar tem destaque nesse debate, sendo a família assimilada a grupo que compartilha um mesmo espaço (não necessariamente uma única habitação) "[...] e possui em comum a propriedade de um pedaço de terra para cultivo agrícola. Está ligada por laços de parentesco e consanguinidade (filiação), podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção)" (SCHNEIDER, 2003, p. 115). Mostra importância, entre os assuntos relacionados, o problema da sucessão no seio dessa agricultura, sendo vários os fatores que lhe influenciam, como a rentabilidade das atividades, a participação dos jovens na tomada de decisões sobre a propriedade e as oportunidades por eles enxergadas em outras ocupações (SOUZA, 2011).

Outro tipo de agente com destacada presença no debate é o cooperativismo. Como assinalado por Smelser e Swedberg (2005), os territórios representam mais que mercados. Na sua caracterização, convergem diferentes atores sociais ou agentes, como os vinculados ao Estado, com suas diferentes esferas de atuação, assim como os políticos locais; o mesmo se observa sobre os agentes relacionados ao ambiente cultural e os diversos tipos de organização da sociedade civil, entre os quais, perfilam-se as cooperativas. É básica para o desenvolvimento territorial rural, com efeito, a configuração do ambiente social e econômico, onde ocorrem

> [...] relações de proximidade, intercâmbio e reciprocidade e do qual emergem atores privados (empresas) e coletivos (associações, cooperativas), e instituições (sindicatos, organizações, Igreja) que criam, legitimam e vivem informados por normas tácitas e formais que compõem os mecanismos de regulação que orientam e garantem a sua convivência (SCHNEIDER; TARTARUGA, 2006, p. 112).

Assim, o cooperativismo tem presença entre os atores coletivos cujas interações são essenciais para o desenvolvimento rural. A literatura oferece ilustrações sugestivas, como a respeito das cooperativas de leite da região sul do Brasil analisadas por Magalhães (2007). Nesse estudo, ressaltou-se que as cooperativas haviam transformado em capital econômico o capital simbólico que exibiam, tendo concorrido, para tanto, a "[...] forte identidade dos agricultores familiares que estimula a confiança, a credibilidade e o reconhecimento da organização" (MAGALHÃES, 2007, p. 20). Na base, figurava a capacidade das cooperativas em mobilizar diferentes tipos de capital, marco de estratégias para que agricultores familiares pobres alcançassem posições mais vantajosas no mercado de leite. Isso contribuiu para a permanência das famílias na atividade.

Os termos desse debate, mormente sobre o papel das cooperativas, permearam o desenho do presente estudo sobre o setor lácteo no Vale do Taquari. De um modo geral, interessava o modo como as cooperativas atuam nesse setor e contribuem para melhorar as condições dos produtores primários. Isso implicava considerar problemas ligados, principalmente, à sucessão familiar e à saída de produtores da atividade, à luz de abordagem que descortinasse as ações adotadas pelas cooperativas e seus reflexos nas interações com os fornecedores de matéria prima.

Levar em conta processos mais gerais envolvendo o setor lácteo é procedimento para uma útil contextualização do presente estudo. De fato, praticamente nenhum processo local, qualquer que seja, deixa de refletir ou ressoar, de algum modo, movimentos mais amplos, ocorrendo em escalas mais abrangentes. Daí o teor da próxima seção, onde se fala do setor lácteo no mundo e no Brasil, realçando o papel das cooperativas.

2.2 Cooperativas no setor lácteo em termos internacionais e no Brasil

Desde sempre considerado um esteio da alimentação, o setor lácteo tem exibido dinamismo mundial traduzido em forte crescimento da produção primária (taxa média anual superior a 2% entre 2000 e 2019). Os Estados Unidos lideram o setor internacionalmente, seguidos por Índia, Brasil e Alemanha, no conjunto responsáveis por mais de 1/3 da produção total em 2019. Em produtividade, Israel é o país que mais sobressai (13.112,8 kg/animal), seguido por Estados Unidos (10.590,4 kg/animal) e Dinamarca (9.973,4 kg/animal); o Brasil figura no 81º lugar, com 2.205,8 kg/animal (FAO, [s.d.]).

A concentração é elevada nesse setor, em termos globais (ABDULSAMAD; GEREFFI, 2016). Em 2019, cinco empresas respondiam por 38,4% do faturamento total (somente de lácteos) registrado pelas vinte maiores, destacando-se mais a Nestlé (Suíça), seguida por Lactalis (França), Dairy Farms of America (Estados Unidos) e Danone (França). Cooperativas de diversos países ocupam posições importantes no

ranking das vendas mundiais, como a neozelandesa Fonterra (6º lugar), a holandesa FrieslandCampina (7ª posição) e a dinamarquesa/sueca Arla Foods (9ª na classificação) (RABOBANK, 2020). Com efeito, cooperativas marcam presença na cadeia láctea em diferentes países, com variedade em especialização dos produtores, qualidade do leite e nível de concentração, entre outros aspectos. Na Europa, por exemplo, as cooperativas atuam lado a lado com empresas privadas, respondendo por 50% do leite coletado (EDA, 2017). Assinale-se que o setor de laticínios europeu abriga empresas de alcance global, situadas entre as principais do mundo (há cinco europeias entre as dez maiores), e pequenas e médias empresas que somam mais de 80% do total dos laticínios na maioria dos países da União Europeia (EDA, 2017).

A experiência dinamarquesa merece realce sobre essa importância das cooperativas no setor lácteo europeu. A cooperativa Arla tem respondido por cerca de 90% das compras de leite nesse país, e mais de nove em cada dez laticínios dinamarqueses são cooperativas. Também, na Finlândia, essa presença é muito expressiva: algo como 98% dos produtores de leite finlandeses são associados quer à grande cooperativa Valio, às cooperativas regionais de laticínios ou a outras cooperativas de compra de leite. Note-se que as respectivas operações não se restringem aos países de origem: a dinamarquesa Arla atua, também, na Suécia, e a finlandesa Valio, igualmente na Estônia (JANSIK; IRZ; KUOSMANEN, 2014).

Na Oceania, importante região em produção e comercialização de lácteos, segundo Woodford (2009), igualmente sobressaem as operações de cooperativas. Em KPMG (2015 *apud* SHADBOLT; APPARAOB, 2016), se indica um histórico domínio de cooperativas nesse setor na Nova Zelândia, 95% da produção de leite do país dizendo respeito a tais estruturas, com especial destaque para o grupo cooperativo Fonterra. Este, vale assinalar, processa e comercializa mundialmente com base não só em fornecimento neozelandês, mas também com matéria-prima de outros países. São ilustrativas sobre isso as possibilidades abertas com a compra, pela Fonterra, da cooperativa australiana Bonlac (WOODFORD, 2009).

Na Austrália, contudo, a realidade é outra, pois caiu a participação das cooperativas de produtores no processamento (DAIRY AUSTRALIA, 2017; FAEP, 2006, *apud* CARVALHO, 2008). Isso se explica, ao menos em parte, pela diminuição da produção primária de leite, pela elevada idade das unidades de processamento e pela necessidade de racionalizar a produção, tendo algumas empresas desativado fábricas para reduzir custos. Daí, revelar-se diversificado o setor de processamento desse país nos dias atuais, com cooperativas de produtores operando lado a lado com empresas multinacionais oriundas de países como Nova Zelândia, Japão, França e Canadá (DAIRY AUSTRALIA, 2017).

No continente americano, a presença de cooperativas é considerável em países como Estados Unidos, Costa Rica e Uruguai. No primeiro, cooperativas internacionalmente reconhecidas destacam-se em produção primária de leite e em processamento: em 2015, entre os dez maiores processadores, figuraram cooperativas como Land O'Lakes, Dairy Farmers of America e Prairie Farms Dairy (CERES, 2017). Na Costa Rica, a cooperativa Dos Pinos controla cerca de 80% da produção industrial de leite, envolvendo muitos pequenos produtores que buscam nichos de mercados e maiores preços (ZÚÑIGA-ARIAS, 2011); essa cooperativa atua também no setor lácteo do Panamá, juntamente com a Coca-Cola (ZÚÑIGA-ARIAS, MARTÍNEZ-PIVA, 2014). No Uruguai, o segmento processador registra cerca de 40 laticínios, e três dos maiores são cooperativas: Conaprole, Calcar e Claldy. Cresce, nesse país, a propriedade estrangeira e a integração vertical na atividade primária, com processadores ligados a investimentos estrangeiros diretos, mas o fato de consistir em cooperativa um processador dominante como a Conaprole mitiga a pressão sobre os preços pagos ao produtor de leite (CRISCUOLO; ONUGHA; VARELA, 2017).

O Brasil não constitui exceção no quadro geral de envolvimento de estruturas cooperativas no setor lácteo. Aspecto a ser assinalado desde logo é que as mudanças econômicas dos anos 1990 no país, incluindo abertura comercial, fim do tabelamento de preços e privatizações, repercutiram fortemente em vários setores, tendo a associada intensificação das fusões e aquisições, incidido, especialmente, no setor de alimentos (BENETTI, 2004).

No setor de leite, registrou-se, em tal contexto, expressiva ampliação das importações vindas de outros membros do Mercosul, bastante competitivos. Dificuldades foram, assim, impostas ao setor lácteo brasileiro, vivenciadas mormente entre agricultores familiares e cooperativas. Contribuiu para a amargada adversidade o fato de o setor ter ficado praticamente à margem do processo de modernização agrícola do país (SCHUBERT, 2012).

As fusões e aquisições ganharam vulto, primeiro, envolvendo (fortemente) capital estrangeiro; depois, implicando empresas nacionais (CARVALHO, 2008). As segundas tiveram presença dominante até o final dos anos 1980, mas, na década seguinte, as empresas multinacionais ampliaram a sua participação mediante fusões e aquisições que abarcaram, sobretudo, cooperativas (SOUZA, 2011). Assinale-se que as transformações da economia brasileira, nos anos 1990, afetaram mais intensamente as pequenas e médias cooperativas e os pequenos produtores de leite, pela menor capacidade financeira das primeiras e pela menor habilitação dos segundos para atender às novas exigências do mercado, principalmente, no tocante à escala de produção (SANTANA, 2003).

As mudanças experimentadas incluíram a redução gradual do número de produtores primários e o

aumento da produtividade dos que permaneceram em atividade. Induziram ao abandono do setor fatores como marcada oscilação do preço do leite, fonte de incertezas, e escassa condição para adotar inovações tecnológicas que resultassem em aumento da escala de produção (RAUPP, 2013). Também, mudanças institucionais afetaram a atividade primária (e o setor como um todo): o fim do tabelamento de preços e as exigências sanitárias das Instruções Normativas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) – IN 51/2002 e IN 62/2011 – tiveram consequências nesse sentido.

Não obstante, as cooperativas continuaram a ostentar grande importância em escala nacional. Como indicado no Censo do Leite divulgado em 2017, esses empreendimentos captaram 35,5% do leite recebido em 2015 por todas as empresas de laticínios no Brasil. Sua participação foi de 46,6% na Região Sul do país (OCB; Embrapa, 2017), em que grande parte das mais antigas cooperativas agroindustriais foi fundada por pequenos grupos de imigrantes ou por filhos de imigrantes europeus que já possuíam a cultura associativa (CECHIM, 2014).

No Vale do Taquari, área objeto deste estudo, entre outras organizações do gênero, cabe destacar a presença, desde 1947, da Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda (Cosuel), tornada Cooperativa Dália Alimentos Ltda. em 2019; da Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda (Languiru), fundada em 1955, e da Cooperativa Regional de Eletrificação Teutônia Ltda (CERTEL), surgida em 1956. Operando, além dos serviços, com vários tipos de produtos – entre eles, o leite e seus derivados, no caso das duas primeiras –, essas organizações têm sido reconhecidas como importantes coadjuvantes na trajetória socioeconômica e política da região (AGUIAR *et al*., 2009).

Feix e Jornada (2015) indicam ser marcante o espírito ou o perfil cooperativo dos agentes dessa área, algo indissociável, ao que parece, da influência sociocultural da colonização por imigrantes alemães e italianos ou seus descendentes. Outra característica é a estrutura fundiária, com predomínio de pequenas propriedades administradas por agricultores familiares que produzem, além de leite, também grãos, aves e suínos, principalmente. Dados do Censo Agropecuário de 2017 mostram, de fato, que a área média dos estabelecimentos locais é de 15,8 ha, bastante inferior tanto à média gaúcha, de 59,4 ha, quanto à brasileira, de 69,1 ha.

Alguns estudos informam que as cooperativas do Vale do Taquari que operam com leite não foram refratárias às mudanças gerais no setor, nos âmbitos internacional e nacional. Analisando a Cosuel-Dália e a Languiru, Mallmann (2017) detectou um processo de modificação das práticas gerenciais adotadas pelo cooperativismo, com reflexos no próprio sentido original desse tipo de prática. De fato,

> Atualmente [as cooperativas] utilizam princípios de gestão organizacionais de empresas mercantis, realizam planejamento estratégico e firmam contratos comerciais no mercado nacional e internacional, no segmento de produtos lácteos [...] As cooperativas [...] atuam no mercado nacional e internacional, sofrem as exigências, tensões e o poder da força desses mercados, que representam as verticalidades, impostas às cooperativas, que, por sua vez, transferem as novas exigências aos seus fornecedores de matéria-prima: os agricultores familiares produtores de leite (MALLMANN, 2017, p. 142-143).

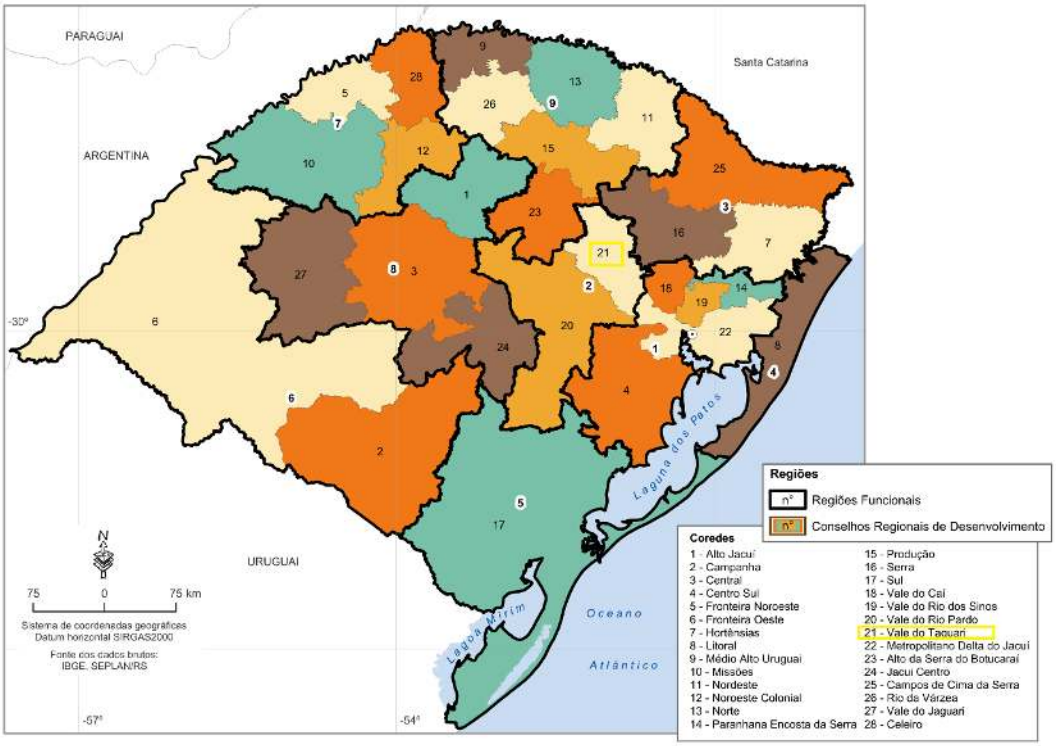
Feix e Jornada (2015) assinalam que predomina, nessa área, uma cooperação de tipo vertical-bilateral. Possui maior visibilidade a modalidade que articula produtores rurais e agroindústrias cooperativas, implicando "[...] a oferta de assistência técnica gratuita, a garantia de compra de toda a produção, o acesso a insumos a preços diferenciados e a transferência de tecnologia. A distribuição dos ganhos econômicos anuais entre os associados também é praticada pelas cooperativas" (FEIX; JORNADA, 2015, p. 58).

Todo o referido integra o contexto dos processos detectados pela pesquisa de campo que subsidiou a elaboração deste artigo.

3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo, realizada, principalmente, mediante entrevistas, desdobrou-se em seis dos 36 municípios que compõem o COREDE Vale do Taquari, cuja localização pode ser vista na Figura 1. Trata-se de Arroio do Meio, Colinas, Estrela, Imigrante, Teutônia e Westfália, origem de 36% do leite comercializado pelos produtores do COREDE segundo dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2018). Em Arroio do Meio, Estrela e Teutônia, laticínios de maior porte têm grande presença e contribuem para dinamizar o setor, destacando-se as cooperativas Languiru e Cosuel-Dália e as estruturas empresariais da Lactalis do Brasil e da Tangará Foods.

Figura 1 – Rio Grande do Sul: Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES)



Fonte: Adaptado de Pessoa (2017).

A amostra de propriedades rurais para a aplicação de questionários foi calculada conforme a expressão

$$n_0 = (z^2 * \sigma^2)/E_0^2,$$

sendo n_0 uma primeira aproximação para o tamanho da amostra, z o valor da distribuição normal em função do nível de confiança desejado, σ o desvio-padrão e E_0 o erro amostral tolerado. O desvio padrão referiu-se à produtividade média litros/vaca/ano do COREDE, tendo-se adotado nível de confiança de 95%, com erro amostral tolerado de 25% do desvio padrão da população. Pode-se considerar n_0 como o tamanho da amostra nas vezes em que a população é grande, ou seja, quando N>20 (BARBETTA, 2012). Assim, como a população totalizou 8.508, assimilou-se n_0 a n. A base foram dados extraídos do Censo Agropecuário 2017, os mais recentes em disponibilidade quando do cálculo da amostra, tendo correspondido a n = 62 o conjunto das propriedades que produzem leite.

Após definir o tamanho amostral, calculou-se a distribuição entre os municípios obedecendo à proporção de cada um no total dos produtores de leite. Assim, chegou-se à definição de 14 entrevistas junto a produtores de leite em Arroio do Meio, 13 em Estrela e em Teutônia (em cada um), 8 em Imigrante e em Westfália (em cada um) e 6 em Colinas. Também, se realizou pesquisa, entre os processadores de leite, nas cooperativas Cosuel-Dália e Languiru, assim como nas seguintes instituições: escritórios da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e secretarias municipais de agricultura. Como o STR de Westfália é uma extensão do STR de Teutônia, a entrevista ocorreu somente no segundo. Um escritório municipal da EMATER recusou-se a participar, e, assim, realizou-se entrevista substitutiva no escritório regional da entidade. As outras instituições visitadas e entrevistadas foram: o Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (CODEVAT), o Centro Regional de Formação de Agricultores de Teutônia (CERTA), a Associação das Pequenas Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (APIL) e o Sindicato das Indústrias de Laticínios (SINDILAT/RS).

As entrevistas, realizadas entre agosto de 2018 e janeiro de 2019, foram do tipo semiestruturado, com roteiros próprios para os três segmentos alvos (produtores primários, processadores e instituições) e com questões tanto abertas quanto fechadas e de múltipla escolha. Assinale-se que essa pesquisa de campo levantou diferentes tipos de informações, mas, aqui, são exploradas somente as relacionadas à atuação das cooperativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se as informações levantadas junto às propriedades rurais, às cooperativas e às instituições visitadas no Vale do Taquari. O foco, como indicado na introdução do artigo, é perscrutar como as cooperativas têm operado com vistas a promover as condições de atuação e reprodução social dos produtores primários de leite. Examinar tal questão implica captar a própria visão dos proprietários rurais que fornecem às cooperativas, além de levantar a percepção sobre o assunto no seio das próprias cooperativas e também nas instituições. As cooperativas de que se trata estão indicadas no Quadro 1: iniciaram suas atividades lácteas (que se mostram acompanhadas por outras atividades) na década de 1960, anos após a fundação; disponibilizam variado leque de produtos lácteos, desde leite processado a derivados diversos; segundo dados registrados nos seus sistemas de divulgação, envolviam recentemente nas suas linhas de fornecimento produtores de leite que superavam de longe a quantidade do milhar.

Quadro 1 – Informações de caracterização das atividades lácteas das cooperativas Cosuel-Dália e Languiru

Cooperativas	Início das atividades lácteas	Município da unidade processadora	Produtos da cadeia láctea	Marcas	Produtores de leite envolvidos
Languiru	1963	Teutônia	Leite UHT, doces de leite, bebidas lácteas, iogurtes, natas, leite em pó, achocolatados	Languiru	1.104 (meados de 2020)
Dália	1965	Arroio do Meio	Creme de leite, leite UHT, leite em pó, nata	Dália	1.651 (final de 2019)

Fonte: Feix (2016); Dália Alimentos (2020, 2021); Languiru (2021a, b, c).

Discorre-se, primeiramente, sobre as percepções mais gerais dos agentes entrevistados sobre o papel das cooperativas no funcionamento do setor lácteo na região. Depois, focaliza-se o problema da sucessão no âmbito das propriedades rurais e do abandono da atividade lácteo, assinalando ações das cooperativas a respeito.

4.1 Percepções gerais sobre o papel das cooperativas

Foi praticamente unânime, entre os atores vinculados ao setor lácteo entrevistados no Vale do Taquari, a avaliação positiva sobre a atuação das cooperativas. Chegou-se a assinalar que o desenvolvimento registrado no meio rural daquela área, particularmente junto às atividades de natureza agrícola, deve-se integralmente à presença dessas organizações. Mais ainda, sua importância, como frisado em algumas entrevistas, transbordaria aquele meio e se refletiria igualmente nos ambientes urbanos dos municípios.

De fato, segundo reconhecido em diversas ocasiões durante a pesquisa, essas cooperativas movimentariam a economia da região como um todo, pela associada geração de empregos, tendo em vista as compras realizadas no comércio local, por exemplo. Observou-se que tal aspecto guarda relação com a estrutura da produção primária de leite, que exibe especificidades na comparação com as atividades em produção integrada de suínos e frangos. Nesta, o produtor recebe o resultado financeiro líquido, enquanto, na produção de leite, o recebimento é total, com o produtor pagando diretamente os insumos e serviços adquiridos ou contratados para realizar a sua atividade, o que significa circulação de dinheiro na economia local.

É provável que essa percepção reflita igualmente a presença do que se poderia designar como cultura cooperativa, indissociável, ao que parece, do processo de colonização no Vale do Taquari. Esse tipo de cultura, ou os aspectos socioculturais identificados, em diferentes dinâmicas territoriais, é ingrediente importante do debate sobre o desenvolvimento rural contemporâneo, como indicado anteriormente. O entendimento de que essa atmosfera é relevante e consequente transparece em manifestação como esta, registrada em entrevista:

> [...] nós temos crédito, produção e energia nas cooperativas, então isso é uma estrutura que eu creio que a imigração trouxe junto. A imigração alemã e italiana trabalharam (sic) em equipe, porque antigamente eles já trabalhavam com um vizinho, ajudando o outro; [...] então é a cultura que fez o não viver sozinho, [fez] as comunidades, as sociedades escolares, a igreja; sempre o pensamento coletivo, isso também fez com que surgissem as cooperativas (ENTREVISTADO INSTITUCIONAL). Fonte?

O mesmo se verifica nestas palavras, também anotadas na pesquisa de campo: a "formação histórica da região se deu pela colonização de povoamento; as pessoas vieram para cá em pequenos grupos e tiveram

que se ajudar para sobreviver; e esse 'tem que se ajudar' fez com que elas tivessem que trabalhar de forma conjunta" (ENTREVISTADO INSTITUCIONAL) (Fonte?). A literatura acadêmica interessada nos problemas da área também captou essas impressões: Feix e Jornada (2015) consideraram as atitudes e manifestações de perfil cooperativo como uma característica marcante dessa região, vinculada à influência sociocultural do processo de colonização, traduzido em maioria de pequenas e médias propriedades familiares inclinadas ao associativismo ou ao cooperativismo.

As informações obtidas, nas entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, estariam a corroborar o apreço indicado, pois 74% da produção de leite dos produtores visitados eram captados por cooperativas. Caso se considerem também as cooperativas de eletrificação e de crédito, 77% dos entrevistados aparecem como associados a alguma cooperativa. Observe-se, a título de caracterização, que 87% desses produtores de leite praticavam a atividade com uso de mão de obra familiar. Adicionando-se os casos em que se indicou parceria com filhos ou outros parentes (irmãos), essa porcentagem atinge 92%.

Uma ampla gama de benefícios foi indicada pelos produtores primários quando perguntados sobre as razões da associação com alguma cooperativa. Mencionou-se que o produtor associado é "dono" da cooperativa na qual, ao final de cada ano, ocorre repartição dos lucros e oferece assistência técnica, além de conceder desconto no preço da ração e parcelar o pagamento, uma prática observada, em estruturas de cooperativas de diversos países. Os entrevistados assinalaram que esse *modus operandi* – em particular, a distribuição entre os associados de parte do resultado financeiro do ano – representa uma importante diferença na comparação com a conduta das empresas privadas, permitindo maior acesso dos produtores às informações sobre o setor e possibilitando interações, ou formas de relacionamento bastante positivas para as atividades primárias.

Mais especificamente, conforme indicado, a maneira como essas cooperativas operam espelham a existência de uma espécie de obrigação social para com o associado. Nas opiniões manifestadas, as cooperativas protagonizam trabalho de construção, de amparo ao produtor, diferentemente do que representa a atuação das empresas privadas que tendem a enxergar o produtor somente como fornecedor. Além disso, quando comparadas com as empresas privadas, as cooperativas apresentam uma maior tolerância, por exemplo, em relação à heterogeneidade tecnológica dos seus fornecedores, algo assinalado, também, em outros estudos, como Cechim (2014), que pesquisou sobre produtores de portes variados.

Um dos produtores entrevistados, no Vale do Taquari, ressaltou que, se as empresas de maior porte, notadamente multinacionais, pagam preço um pouco superior, não oferecem, entretanto, os benefícios que as cooperativas propiciam, como assistência técnica e insumos a preços diferenciados. Também, se apontou uma maior estabilidade dos preços pagos pelas cooperativas no decorrer do ano, na comparação com as empresas. Uma explicação para essa diferença, apresentada pelos produtores entrevistados, diz respeito à diversificação das atividades das cooperativas da região, que também operam, além do segmento lácteo, com processamento de suínos ou frangos, fabricação de rações e comercialização (supermercados), entre outros.

Os dados obtidos sobre a comercialização de leite mostram tendência de estabilidade nas relações entre os produtores e os compradores, de uma maneira geral. Em termos médios, era de 21 anos o período ao longo do qual os produtores vendiam para uma mesma empresa, uma continuidade que favoreceu o surgimento e a solidificação de relações de confiança entre os proprietários rurais e laticínios. Mas interessa ressaltar o contraste, nesse tipo de interação, entre os diferentes destinatários da matéria-prima. O período médio de fornecimento às cooperativas superava consideravelmente o das vendas para empresas privadas: no primeiro caso, a média era de 24,6 anos; no segundo, de 5,3 anos. Diversos aspectos podem ser mencionados como possíveis razões para essa grande diferença. Um diz respeito ao enraizamento histórico das cooperativas na área: sua atuação desdobra-se por várias décadas, como se falou. Outro aspecto é a maior volatilidade, por assim dizer, da situação das empresas privadas, relativamente à incidência de processos de falência e/ou reestruturação, como ocorreu na empresa Promilk, que decretou falência, ou na Elegê, que passou por sucessivas vendas, culminando com a sua aquisição pela Lactalis do Brasil[2].

Outra questão salientada nas entrevistas sobre a importância da atuação das cooperativas refere-se à permanência da renda gerada pelas atividades na própria área devido ao enraizamento territorial dos referidos empreendimentos cooperativos. Conforme indicado em algumas manifestações, as cooperativas tendem a aplicar os recursos na região, ao passo que os grandes grupos ou empresas multinacionais podem gerar valor numa região e fazer transferências, no plano nacional ou mundial, para outras. Não é aspecto menor, nesse comportamento das cooperativas do Vale do Taquari, o fato de serem oriundas do próprio local e lá atuarem por muito tempo. Segundo as entrevistas, isso significa importante diferença em face das empresas privadas, principalmente as maiores, que não raramente transferem atividades quando surgem outras oportunidades

[2] Observe-se que o braço brasileiro da multinacional francesa Lactalis prossegue na sua investida de aquisições no Brasil. No final de março de 2021, a empresa anunciou a compra da Cooperativa Cativa, de Londrina (PR), líder em captação e processamento de leite naquele estado. Entraram no negócio, além da unidade de Londrina, também as instalações de processamento instaladas em Cerqueira César (SP), o centro de coleta de leite de Pato Branco (PR) e a estrutura comercial da cooperativa (LACTALIS..., 2021).

mais atraentes ou quando declinam os negócios nos territórios onde se encontram.

Uma ilustração do que pode significar o enraizamento territorial das cooperativas refere-se ao que se observou durante a crise no setor lácteo do Rio Grande do Sul relacionada ao forte crescimento da importação de leite desde países vizinhos, como o Uruguai. Em meados da década de 2010, na esteira das volumosas vendas para o Brasil de produtos com preços convidativos e armazenamento facilitado, principalmente, leite em pó, a produção primária estadual enfrentou adversidade vinculada à preferência do segmento processador pelo insumo estrangeiro. Contribuiu para o quadro de dificuldades a redução pelo governo gaúcho da alíquota do ICMS sobre o produto com origem externa, sem estender o tratamento ao produto doméstico.

As cooperativas, além de não terem importado matéria-prima, concentraram-se na compra de leite de seus associados. Assim procedendo, tiveram que enfrentar uma mais forte concorrência de preços de comercialização no varejo, algo tanto mais problemático, tendo em vista que a sensibilidade do consumidor final aos preços nas gôndolas costuma ser elevada. Mas a conduta das cooperativas representou fidelidade à base produtora, galvanizando, ainda mais, a confiança nos incrustados vínculos. As cooperativas também apoiaram as mobilizações e iniciativas locais provocadas pela conjuntura adversa, articulando-se com outras instituições ou organismos regionais no intuito de participar, com consequências, das reuniões sobre o problema realizadas na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Seja como for, reconheceu-se, em várias entrevistas, que essas cooperativas precisam zelar continuamente pela competitividade. A dinâmica do setor lácteo, nas esferas internacional e nacional, representa imposição de parâmetros ou determinações de produtividade e qualidade que exigem atenção contínua. Um aspecto a ser destacado em relação a isso, que não escapou às observações dos interlocutores durante a pesquisa de campo, é que o aprofundamento e a consolidação da profissionalização das cooperativas constitui processo de exigência incontornável. Com efeito, a modalidade de organização em foco, na visão expressada por um entrevistado, contém

> [...] um sistema cooperativo, mas ela visa resultado, porque tem que investir, tem que fazer o pagamento, por exemplo, do leite igual a qualquer outra empresa ou melhor; quer dizer, ela está inserida no mercado globalizado; se ela não tiver uma gestão profissionalizada, vai estar fora; [...] então as cooperativas têm, sim, se profissionalizado, mas não é de hoje; aquelas que tinham dificuldades, obviamente que foram absorvidas (ENTREVISTADO INSTITUCIONAL). (Fonte?)

Exibem particular importância as ações das cooperativas que repercutem mais diretamente no cotidiano das propriedades rurais. Problemas enfrentados nesse âmbito, referentes à sucessão familiar e à saída de produtores da atividade leiteira, são abordados na sequência.

4.2 Cooperativas em face dos desafios das propriedades rurais quanto à permanência no setor de leite

A literatura sobre a agricultura familiar costuma salientar os problemas relacionados à sucessão no âmbito das propriedades. Trata-se, de fato, de situação com caráter geral, já que a mudança do perfil demográfico é uma marcante tendência no meio rural brasileiro (WANDERLEY; FAVARETO, 2013).

Essa questão se fez presente durante a pesquisa de campo, pois, dos 62 produtores entrevistados, apenas 26, representando 42%, assinalaram contar com sucessão familiar. Diversos fatores foram indicados como explicação da ausência ou da escassa sucessão: não ter prole, os filhos “trabalharem fora” (majoritariamente, em atividades do meio urbano), os filhos trabalharem na propriedade, mas com integração de suínos e frangos, sem interesse no setor de leite. Para 27% daqueles entrevistados, a sucessão ainda se mostrava um problema indefinido.

É ilustrativo que, em entrevistas efetuadas em instituições, talvez, a maior preocupação externada com respeito ao setor lácteo regional se referisse ao envelhecimento do produtor rural. Nas palavras de um entrevistado na esfera institucional, “dá para contar nos dedos a juventude que está ficando [no setor]”. Assim, indicou-se ser grande a falta de mão de obra nesse meio, por conta do envelhecimento da população e do desinteresse dos descendentes, como complementou outro entrevistado institucional: “as famílias estão tendo menos filhos, e os que existem têm muito incentivo para sair; [...] tem emprego na cidade; [...] às vezes os pais não dão o apoio necessário, mas também há famílias [em] que o apoio acontece, e os filhos continuam na propriedade”.

A elevada incidência de problemas sucessórios no setor de leite deve ser colocada em perspectiva, considerando-se os processos que têm estimulado a saída de produtores rurais da atividade leiteira, um problema recorrentemente apontado nas entrevistas realizadas no Vale do Taquari. Como assinalado anteriormente, as mudanças testemunhadas, na economia brasileira nos anos 1990, trouxeram a reboque novas e maiores exigências do mercado de lácteos, principalmente, no tocante à escala de produção e ao aprimoramento tecnológico das atividades. Pressões por aumento da produtividade e da produção não encontraram respostas, ou estas foram insuficientes, em propriedades rurais com produtores mais idosos e

com pouca capacidade de investimentos, o que induziu uma progressiva redução do número dos produtores em atividade. Somaram-se às pressões do mercado aquelas vinculadas às mudanças institucionais, como o término do tabelamento de preços e as exigências sanitárias trazidas pelas já mencionadas Instruções Normativas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os entrevistados indicaram que essas exigências repercutem de diferentes maneiras. Por exemplo, se for constatada a presença de antibiótico no leite comercializado, o respectivo produtor não só não é pago, como deve ressarcir os demais produtores cujo leite é transportado no mesmo caminhão e, por conta disso, precisa ser descartado. Sobre a qualidade, os compradores avaliam o atendimento de critérios estipulados a respeito, ao definirem o preço pago a cada produtor individualmente, exames mensais de verificação, sendo realizados em cada caso: é considerada a contagem de células somáticas (CCS) e a contagem bacteriana total (CBT), cujos parâmetros são regulados pelas mencionadas instruções normativas. Assinale-se que a expectativa da entrada em vigor de uma nova instrução normativa, em meados de 2019, que tornaria os critérios ainda mais rígidos, inquietava os produtores no período da pesquisa de campo. A razão é que diversos, entre eles, principalmente de menor porte e mais frágeis financeiramente, dificilmente conseguiriam se adequar, conforme apontado, e seriam provavelmente expelidos das linhas de fornecimento. De fato, segundo Agostini (2019 *apud* PEIXOTO; MALLMANN, 2019), cerca de 50% dos produtores primários, atuando na cadeia produtiva do Vale do Taquari, não tinham condições para atender às exigências das IN's.

A dificuldade para responder aos novos imperativos mostrou sua intensidade quando da mencionada crise do setor lácteo, provocada ou agravada pela escalada nas importações de matéria-prima, em meados dos anos 2010. Naquela circunstância, a elevada importação de leite em pó oriunda de países vizinhos afetou duramente a produção local, em encadeamento de efeitos assim descritos nas entrevistas: com a importação, o preço do leite no mercado doméstico foi reduzido, e o produto local foi estocado porque as empresas não conseguiam vender, pressionando fortemente para baixo o preço pago ao produtor. Numerosos produtores, principalmente de menor porte, sem sucessão ou aposentados, deixaram a atividade e diversos em vias de se aposentar anteciparam a saída, em tipo de movimento recorrentemente observado em vários sistemas agroalimentares no Brasil (NAVARRO; CAMPOS, 2014).

A impossibilidade de investir em modernização das estruturas, para aumentar a produtividade e a qualidade do leite, impulsionou o abandono, que, em alguns casos, representou transferência para outras atividades, mormente junto a produtores que, ao lado da atividade leiteira, tinham aviários ou também operavam com suínos. Todavia, essa mudança não deixou de se mostrar traumática em diferentes casos, pois era longo o envolvimento familiar com a atividade leiteira. De fato, entre os produtores entrevistados, o tempo médio de produção primária de leite atingia 30 anos, em prática que passara de pais para filhos, representando acúmulo de conhecimento sobre o setor no âmbito familiar. Assim, ter que abandonar essa atividade e substituí-la como uma das bases da sustentação econômica das propriedades representava um grande desafio e fonte de elevada inquietação entre os produtores, por conta de expectativas a respeito das dificuldades que certamente adviriam.

As cooperativas da região têm procurado agir a respeito do problema da sucessão e do abandono da atividade leiteira. As iniciativas são diversas, com diferentes perfis e objetivos.

Uma das cooperativas criou programa de inclusão social e produtiva, desenvolvido em parceria com a Emater, contemplando a questão do gerenciamento da propriedade (com verificação das suas potencialidades) e a análise das aptidões das famílias, com observação das preferências dos integrantes quanto à substituição ou transferência das atividades. Na esteira da execução das correspondentes atividades, diversas famílias participantes tornaram-se fornecedoras de verduras e hortaliças para o supermercado da própria cooperativa.

Outra cooperativa passou a executar programa com vistas a manter os produtores na própria atividade leiteira, tendo a correspondente iniciativa sido denominada "condomínios de leite". O foco principal, na criação desse programa, eram os produtores em idade mais avançada e sem mão de obra na propriedade para continuar na atividade. O *modus operandi* inclui a migração do rebanho do produtor para o condomínio, a avaliação da sua capacidade de produção e a outorga de uma cota ao proprietário. O condomínio, que faz uso de tecnologia atualizada e até utiliza robôs na ordenha, opera com funcionários que realizam as necessárias tarefas, cabendo ao produtor fornecer a alimentação, o que ocorre na proporção da sua cota.

Iniciativas desse tipo certamente galvanizam as relações das cooperativas com as propriedades rurais. É sugestivo que, segundo registrado em entrevistas, o produtor valorize o fato de a cooperativa "já estar com ele" há muito tempo, inclusive dando-lhe voz, por meio do voto nas assembleias, no processo de tomada de decisões. Esse aspecto, talvez mais do que outros, tipifica a relação mantida com as estruturas cooperativas na região, na comparação com outras interações. Com efeito, compradores de leite de natureza diversa, como unidades pertencentes a grandes empresas de origem extra regional, tendem a executar, na área, ações decididas alhures, não poucas vezes sem conexão com as necessidades locais, sendo os produtores compelidos a agir de acordo mesmo que as medidas assim definidas apresentem pouco aderência ao vivenciado localmente.

As cooperativas, ao contrário, cultivam interações consequentes e atraentes com os produtores primários. Isso envolve notadamente assistência técnica, adiantamento de pagamentos e financiamentos. Numa das cooperativas, a entrevista permitiu detalhar o conjunto de serviços oferecidos aos associados, que incluíam: assistência técnica; programa de melhoramento genético terceirizado, com gerência exercida pela cooperativa; e preço subsidiado nas rações adquiridas da fábrica da cooperativa; desconto da receita do leite, na denominada "conta movimento", das compras realizadas no supermercado da cooperativa, na loja que comercializa produtos relacionados com a atividade agropecuária e na fábrica de rações. Essa mesma cooperativa realizava, a cada dois meses, reuniões com os produtores eleitos como líderes de núcleos para atualizá-los sobre as ações e estratégias delineadas e colher suas opiniões a respeito. E seu departamento técnico organizava "dias de campo" com os produtores, em muitos casos, em parceria com instituições como a Secretaria de Agricultura e a Emater do município onde ocorriam as programadas palestras.

Tudo isso mostra-se em sintonia com processo mais geral de relacionamento entre cooperativas e cooperativados. Se, no passado, a adesão dos produtores tinha razões ideológicas ou refletia a falta de opções, com o tempo, ganharam crescente proeminência determinante como pressões pelo controle dos custos na produção e pela busca de maior competitividade, esferas nas quais a relação com estruturas cooperativas representaria benefícios em preço, qualidade dos serviços e retornos financeiros (CHADDAD, 2006).

No entanto, a fidelização dos associados figura como objetivo permanente das cooperativas, em termos gerais, seja no Vale do Taquari ou em outras realidades produtivas e sociais. Para isso, têm sido utilizadas estratégias envolvendo comunicação, estabelecimento de um aporte mínimo por associado e oferta de financiamento e cursos de capacitação para produtores (CHADDAD, 2006). Incentivos não econômicos à fidelização também são observados, vinculados às relações de proximidade e aos laços de confiança que favorecem e solidificam os vínculos de compromisso (MAGALHÃES, 2007).

O que se observou no Vale do Taquari, relativamente às interações entre produtores de leite e estruturas cooperativas, ressoa esses processos mais gerais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dirigindo sua atenção a uma importante área de produção láctea no Rio Grande do Sul, o presente estudo objetivou principalmente, conforme apontado na introdução, descrever e discutir a maneira como as cooperativas envolvidas na captação e no processamento de leite no Vale do Taquari têm operado no sentido de melhorar as condições de reprodução dos produtores primários a elas vinculados. O pano de fundo eram as mudanças em curso no setor lácteo em nível internacional e no Brasil, representativas, de uma forma ou de outra, de maiores exigências ao longo da cadeia produtiva em termos de qualidade e produtividade, quase sempre significando imposições de investimentos em aprimoramento organizacional e atualização tecnológica.

Como em diferentes realidades territoriais, também no Vale do Taquari, os imperativos relacionados com a dinâmica recente do setor lácteo nutriram processos de abandono da atividade primária, sobretudo, junto a produtores menos capazes de lhes fazer frente. Proprietários rurais mais idosos e carentes dos necessários recursos financeiros e de mão de obra perfilam-se com destaque entre os protagonistas desses processos, no conjunto representando movimento de contração nos contingentes envolvidos nas linhas de fornecimento, provocando inquietação e demandando iniciativas para lidar com o problema. Estruturas cooperativas, que sobressaem entre os agentes cuja atuação é considerada com destaque no debate sobre o desenvolvimento territorial rural, têm papel nessas iniciativas.

A pesquisa indicou que a questão geracional desponta entre esses desafios enfrentados pelo setor lácteo. Menos da metade dos produtores entrevistados apresentavam sucessão familiar definida, o que tinha importantes implicações. As pressões por aumento da produtividade e da produção, relacionadas às mudanças vivenciadas pelo setor lácteo local, não encontravam respostas à altura junto aos proprietários mais idosos: não só a sua capacidade de investimentos era reduzida, como a percepção sobre o futuro, influenciada pela indefinição sucessória, não estimulava a busca de equacionamento nesses termos. Destaque-se que as cooperativas têm procurado atuar objetivando estimular a presença dos contingentes mais jovens na atividade leiteira.

No Vale do Taquari, onde o associativismo ou cooperativismo constitui traço marcante e aparentemente indissociável do processo de colonização do território, a percepção dos atores que participam da cadeia láctea ou com ela interagem é que as cooperativas possuem incontornável importância para o setor. Não somente o impregnado sentido da sua presença, sinalizando fértil articulação de interesses e importante atuação coletiva em face de problemas diversos, por exemplo, mas igualmente as condutas no dia a dia, na praticidade de iniciativas específicas e concretas em que ressaltam diferenças com as relações de fornecimento de natureza distinta, foram assinalados durante a pesquisa. Tudo somado, dizer atuação cooperativa no setor lácteo do Vale do Taquari significa referir, tomando-se por base os resultados da pesquisa de campo, a um

tipo de estrutura na qual a esfera da produção primária tem depositado confiança, de uma maneira geral, e que enxerga, talvez, as melhores possibilidades com respeito à reprodução nas propriedades.

Seja como for, as pressões que crivam a cadeia láctea, repercutindo na esfera da produção primária e provocando iniciativas como as exibidas pelas cooperativas do Vale do Taquari, afetam igualmente, é claro, as próprias estruturas cooperativas. Tal circunstância não deixa de fazer pensar sobre as possibilidades de manutenção destas, na forma como têm atuado historicamente na região. Uma progressiva e mais intensa convergência, que talvez se revele inexorável, para modos de operação mais característicos de organizações desprovidas do observado sentido cooperativo haveria de ter reflexos no quadro de interações testemunhado na região e salientado em praticamente todas as propriedades rurais visitadas durante a pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

ABDULSAMAD, A.; GEREFFI, G. **Dairy value chains in East Africa**. Durham: Duke University Center on Globalization, Governance and Competitiveness, 2016, 56 p. Disponível em: <https://gvcc.duke.edu/wp-content/uploads/09-30-2016_IGC_dairy_report_final.pdf> Acesso em: 14 abr. 2020.

AGUIAR, M. D. S. de et al. Do desenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável: os rumos da região do Vale do Taquari no início do século XXI. **Análise,** Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 84 – 102, jan./jun. 2009.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais.** 8ed. rev., Florianópolis, Editora da UFSC, 2012.

BENETTI, M. D. Globalização e desnacionalização do agronegócio brasileiro no pós 1990. **Documentos FEE** n. 61. Porto Alegre: FEE, 2004.

CARVALHO, V. R. F. **Reestruturação do sistema lácteo mundial**: uma análise da inserção brasileira. 2008. 186 f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CECHIN, A. Cooperativas brasileiras nos mercados agroalimentares contemporâneos. In: BUAINAIN et al. (ed.). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. 1. ed. Brasília: Embrapa, 2014, p. 479 – 507.

CERES. **An Investor Brief on Impacts that Drive Business Risks:** Dairy. 2017. Disponível em: < https://engagethechain.org/dairy > Acesso em: 16 nov. 2018.

CHADDAD, F. Cooperativas no agronegócio do leite: tendências internacionais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 44, 2006, Fortaleza, Ceará. **Anais** [...]. Disponível em: < https://sober.org.br/palestra/5/196.pdf >Acesso em: 29 nov. 2018.

CRISCUOLO, A.; ONUGHA, I. U.; VARELA, G. **Integración a lãs cadenas de valor mundiales la industria láctea y la industria de lãs TIC.** Informe nº AUS17180, Banco Mundial, 2017.

DAIRY AUSTRALIA. **Australian Dairy Industry In Focus 2017.** 2017. 56 p. Disponível em: < https://www.dairyaustralia.com.au/industry/farm-facts/in-focus > Acesso em: 16 nov. 2018.

DÁLIA ALIMENTOS. **Relatório de atividades - 2019**. Encantado: Dália Alimentos, 2020. Disponível em: < http://dalia.com.br/relatorio-de-atividades >. Acesso em: 30 abr. 2021.

DÁLIA ALIMENTOS. **Institucional**. Encantado: Dália Alimentos, 2021. Disponível em: < http://dalia.com.br/empresa/ >. Acesso em: 30 abr. 2021.

EDA. European Dairy Association. **Economic Report 2016/17:** Facts and Figures. 2017. 12 p. Disponível em: < http://eda.euromilk.org/fileadmin/user_upload/Public_Documents/Facts_and_Figures/EDA_EWPA_Economic_Report_2016.pdf > Acesso em: 5 nov. 2018.

FAO. Food and Agriculture Organization of United Nations. **FAOSTAT**. [S.d.]. Disponível em: < http://www.fao.org/faostat/en/#data/QL > Acesso: 23 mar. 2021.

FEIX, R. D. A aglomeração produtiva de laticínios do Vale do Taquari. In: MACADAR, B. M. de; COSTA, R. M. da (Org.). **Aglomerações e arranjos produtivos locais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2016, p. 521-564.

FEIX, R. D.; JORNADA, M. I. H. **Aglomeração produtiva de laticínios na região do Corede Vale do Taquari**. Porto Alegre: FEE, 2015. Disponível em: < https://www.fee.rs.gov.br/relatorios/aglomeracao-produtiva-de-laticinios-na-regiao-do-corede-vale-do-taquari/ > Acesso em: 1 abr. 2020.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. **Nova economia**, v. 7, n. 1, p. 43-81, maio 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. 2018. Disponível em: < https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censoagropecuario-2017 > Acesso em: 18 dez. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas. **Pesquisa Pecuária Municipal.** [S.d]. Disponível em: < https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/tabelas > Acesso em: 25 mar. 2021.

JANSIK, C.; IRZ, X.; KUOSMANEN, N. **Competitiveness of Northern European dairy chains.** Helsinki: MTT Economic Research, Agrifood Research Finland, 2014.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 21, n. 3, p. 379-408, set./dez. 2004. DOI: http://dx.doi.org/10.35977/0104-1096.cct2004.v21.8702.

LACTALIS adquire operações da cooperativa paranaense Cativa. Amanhã, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://amanha.com.br/categoria/negocios-do-sul1/lactalis-adquire-operacoes-da-cooperativa-paranaense-cativa> Acesso em: 31 mar. 2021.

LANGUIRU. **Alimentos**. 2021a. Disponível em: < https://www.languiru.com.br/alimentos/laticinios-alimentos/iogurtes-laticinios/ >. Acesso em: 08 maio 2021.

LANGUIRU. **História**. 2021b. Disponível em: < https://www.languiru.com.br/institucional/a-languiru/historia/ >. Acesso em: 30 abr. 2021.

LANGUIRU. **Laticínios**. 2021c. Disponível em: < https://www.languiru.com.br/institucional/a-languiru/negocios/industria/laticinios-negocios/ >. Acesso em: 30 abr. 2021.

MAGALHÃES, R. S. Habilidades sociais no mercado de leite. **RAE**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 15 - 25, abr./jun. 2007.

MALLMANN, L. M. **Agricultores familiares e cooperativas:** relações sociais de produção na cadeia produtiva do leite na região do Vale do Taquari/RS – Brasil. 2017. 163 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

NAVARRO, Z.; CAMPOS, S. K. A. A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro. **Revista de extensão e estudos rurais**, v.3, n. 1, p. 25 - 92, 2014.

OCB; EMBRAPA. Organização Das Cooperativas Brasileiras; Empresa Brasileira de Pesquisa Agrícola. **Censo das cooperativas de leite, 2015.** Divulgação 2017. Disponível em: < https://www.somoscooperativismo.coop.br/leite/index.html > Acesso em: 20 out. 2018.

PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. **Política e Sociedade**, v. 8, n. 14, p. 79-105, abr. 2009. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7984.2009v8n14p79

PECQUEUR, B. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. **Raízes**, v. 24, n. 1 e 2, p. 10-22, jan.- dez. 2005.

PEIXOTO, J.; MALLMANN, L. Cadeia leiteira do Vale do Taquari tem agenda marcada em Brasília. O Informativo do Vale, Lajeado. 19 fev. 2019. Disponível em < https://informativo.com.br/geral/cadeia-leiteira-dovale-%20do-taquari-tem-agenda-marcada-em-brasilia,293442.jhtml > Acesso em: 23 fev. 2019.

PESSOA, M. L. (Org.). Regiões do RS. In: ___. **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/ > Acesso em: 14 abr. 2020.

RABOBANK. **Global Dairy Top 20:** To Invest or Divest – That Is the Question. 2020. Disponível em: < https://research.rabobank.com/publicationservice/download/ publication/token/H5laAEfE5bCRp5mv9cP4 > Acesso em: 23 mar. 2021.

RAUPP, A. K. **Sindicalismo rural no âmbito do sistema agroindustrial leiteiro do Rio Grande do Sul – 1995-2010**. 2013. 345f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTANA, M. A. M. **Mudanças estruturais e suas implicações na conduta e no desempenho da cadeia láctea gaúcha na década de 90.** 2003. 237 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) – Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias,** v. 6, n. 11, p. 88-12, 2004.

SCHNEIDER, S. A economia política dos estudos de desenvolvimento rural no Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 46., 2008, Rio Branco, Acre. **Anais** [...]. Disponível em: < https://ageconsearch.umn.edu/record/103106/files/660.pdf > Acesso em: 2 abr. 2020.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99–122, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100008.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. G. P. Território e Abordagem Territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Raízes,** Campina Grande/PB, v. 23, n. 01 e 02, p. 99-116, 2006.

SCHUBERT, M. N. **Análise dos custos de transação nas cooperativas de produção de leite no Oeste de Santa Catarina**. Porto Alegre. 2012. 246 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SHADBOLT, N. M., APPARAOB, D. Factors Influencing the Dairy Trade from New Zealand. **International Food and Agribusiness Management Review Special Issue,** v. 19, 2016.

SMELSER, N. J.; SWEDBERG, R. Introducing economic sociology. In: SMELSER, N. J.; SWEDBERG, R. (eds.). **The handbook of economic sociology**. 2.ed. New Jersey: Princeton University Press, 2005, p. 3-25.

SOUZA, R. P. **Competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão**. 2011. 259p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

WANDERLEY, M. N. B.; FAVARETO, A. A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: MIRANDA, C.; SILVA, H. (org.). **Concepções da ruralidade contemporânea:** as singularidades brasileiras. Brasília, DF: IICA, 2013. p. 413 - 466. (Desenvolvimento Rural Sustentável, n. 21).

WOODFORD, K. Dairy production, structure and performance in Oceania. In: LEITE, J. L. B.; SIQUEIRA, K. B.; CARVALHO, G. R. (org.). **Comércio internacional de lácteos.** 2. ed. revista e ampliada, Juiz de Fora: Embrapa gado de leite, 2009. p. 321 - 333.

ZÚÑIGA-ARIAS, G. **El desarrollo de cadenas de valor agroindustriales en Costa Rica, El Salvador y Nicaragua.** El caso de estudio de la agroindustria láctea. México: CEPAL/NAÇÕES UNIDAS, 2011. 60 p. (Serie Estudios y perpectivas, n. 126).

ZÚÑIGA-ARIAS, G.; MARTÍNEZ-PIVA, J. M. Economic integration and value chains case study: dairy products in Central America. In: HERNÁNDEZ, R. A.; MARTÍNEZ-PIVA, J. M.; MULDER N. (ed.). **Global value chains and world trade:** prospects and challenges for Latin America. Santiago, Chile: ECLAC, 2014, p. 163 - 180.